

# A Voz da Juventude

Directora  
Maria Teresa Rita Lopes

Revisto pela Professora  
Sr.ª Dr.ª D. Maria Normanda Fernandes

Composto e impresso na Tipografia União—Faro

Telefone 154



## NATAL FESTA DA FAMÍLIA II III IV

—Por Maria Antonieta

**N**À cozinha, logo pelo fim da tarde, a mãe começara a fazer os fritos, os doces e as compotas, enquanto a avó, friorenta, mexia as massas ao canto do fohão.

Era quase noite e a família ia chegando para o jantar. Já todos conversavam e riam e as crianças redopiavam pela casa, lambiscando às escondidas pedacinhos de filhós, quando o pai chegou, sorridente, carregado de embrulhos, que furtivamente foi esconder.

Pouco depois o jantar começava animado, abundante de risos e de felicidade. A mesa, coberta por uma toalha muito alva, tinha ao centro uma jarra com um enorme ramo de azevinho. O peru recheado cheirava que era um regalo; os fritos ainda quentinhos e polvilhados de açúcar atraíam os olhares gulosos dos pequenitos. Tudo respirava uma atmosfera de bem estar e de fraternal alegria. Os garotos tagarelavam uns com os outros, fazendo projectos de rija brincadeira com os maravilhosos presentes que o Menino Jesus, à meia noite, lhes iria deixar nos sapatinhos. E acima de tudo falavam em se não deixarem adormecer, para verem o Menino Jesus; os mais pequenos, porque queriam vê-lo, tocá-lo, e dizer lhe «muito obrigado»; os mais velhos, porque não se conformavam já com a ideia de que Ele coubesse pela chaminé. Os grandes, esses, conversavam em banalidades.

A refeição terminou, com a algazarra dos mais peque-

(Continua na 3.ª página)



### A Voz da Juventude

cumprimenta os Senhores Professores, alunos e demais leitores, desejando que todos tenham passado Festas Alégres e que o Novo Ano lhes seja pródigo em felicidades.

## Ano Novo, Vida Nova!

—Por Maria Célia

**N**A rota inexorável do tempo, mais um ano passa, um ano que, como todos os outros, dentro em pouco ficará esquecido, envolto na névoa dos dias que correm...

Renovar-se-ão os dias, os meses, repetir-se-á a Primavera, virá novamente o Inverno... Depois... outro ano, 1953... outra Primavera... outro Estio, e mais ainda outro Inverno...

E é assim a vida, cadenciada na sequência dos dias e dos anos, na renovação constante da Natureza, na ascensão sempre continuada do espírito dos homens...

Esquece-se o ano que passou, varrem-se depressa da memória a recordação dos dias que ficaram para traz...

Eno princípio do novo ano todos sorriem, todos olham confiantes e alegres os meses e os dias que os esperam novamente...

E há sempre uma esperança a cantar no coração dos homens!... E há sempre uma voz que lhes segreda: felicidade!...

Depois, perante a realidade muitas vezes dura, o sorriso de esperança vai-se apagando neles, que pouco a pouco vão deixando de escutar a voz que murmurava palavras de incitamento...

(Continuação na 2.ª página)

## Noite de Natal

E' Noite de Natal ..  
Cai de mansinho a neve  
Sobre os telhados velhos,  
Nas árvores descarnadas,  
Na poeira do chão ..  
E tudo é branco e lindo!  
A Terra é toda igual.  
Nem bulhas. nem sanhas...  
Silêncio e oração!  
E tudo é branco e lindo!  
Um grande lençol branco cobriu a Terra toda;  
Tapou-lhe os aleijões  
...E eu não me sinto eu, neste ambiente novo  
Tão virgem de pecado!  
Não vejo sangue, uem oiro, nem olhos a chorar  
—Só uma terra humilde prostada em oração!...

Noite de Natal!

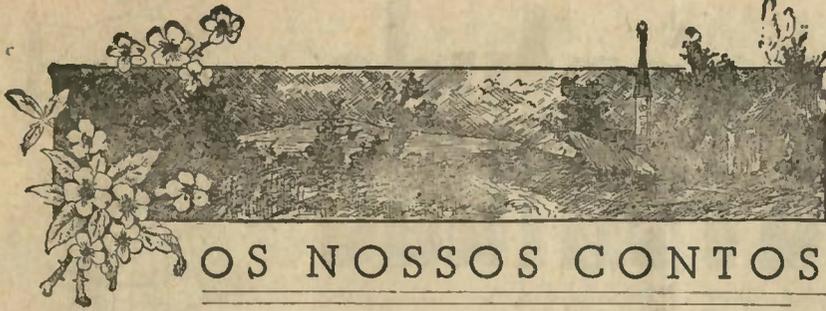
Na capela distante ouço vibrar os sinos  
E os repiques longínquos  
Dispersam-se pelos montes.  
Fundem-se na noite...

E tudo é solidão ..  
— Mas eu não tenho medo  
Oíço o di-dlon dos sinos nos longes da minha alma  
E sinto asas de anjos esvoaçar por mim...  
Oíço as estrelas pálidas balbuciar baixinho  
...Não sei que doce prece...

Porquê, tanta humildade?!  
Porque vestiu a Terra seus trajos de noivado  
E porque ardem os astros  
Em tão modesto brilho?  
Porque é que, de rastros,  
A Natureza ora?!

..E' noite de Natal ..

Maria Teresa



OS NOSSOS CONTOS

## A estrelinha que não brilhava

**H**A muitos anos, muitos — porque é sempre há muitos anos que sucedem estas histórias maravilhosas e fantásticas — retirada das outras, mesmo numa pontinha do Céu,



havia uma estrelinha que não brilhava. O anjo que todas as noites, mal o sol se sumia, para lá do seu castelo de nuvens incandescentes, ia acender as estrelas suas irmãs, como ela ficava lá mesmo na pontinha do céu — e era tão pequenina. . . — passava de largo.

E a estrelinha, lá bem no fundo seu coração, sentia a nostalgia do abandono. Via com tristeza o alvoroço com que todas esperavam o anjo que lhes emprestaria fulgor e distribuiria afagos. Enquanto que ela . . . seria sempre uma estrelinha que não tinha luz. . .

Assim, tímida e envergonhada, isolada naquele recanto do Céu, via brilhar as outras.



Era véspera de Natal. O Menino Jesus fazia anos, e grande azáfama reinava no Céu, para a festa do aniversário do Menino Deus.

Nossa Senhora, porém, por serem já tantos os presentes do Menino, não sabia que escolher para lhe colocar, à noite, no sapatinho.

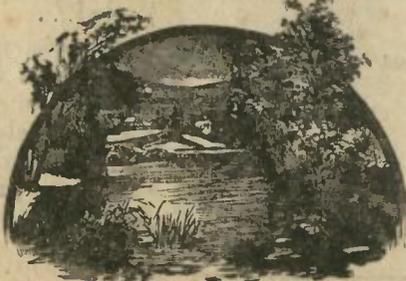
E, cismando, foi dar uma volta pelo Céu.

Mas nada encontrava que pudesse agradar ao seu Menino . . .

Anoitecia... A Virgem voltava, desanimada, quando já mesmo na pontinha do céu topou com a estrelinha apagada e esquecida.

— «Porque não brilhas, estrelinha? — perguntou-lhe, meigamente, a Virgem.

Confundida e envergonhada, a estrelinha informou a Senhora de que o anjo sempre se esquecia dela.



— «E como, é pequeno e gracioso o seu corpinho de cristal! E' pena que não tenha luz. . .

Compadecida, a Virgem tomou-a carinhosamente na sua mão, pródiga de afagos. . .

E, por milagre de amor, a estrelinha que não brilhava irisou-se de revêrberos azulados. . .



Manhã cedo. . . Mal o Menino despertou no seu leito de nuvens cor de rosa, correu, lépido, à chaminé, a ver que dádiva maravilhosa conteria o sapatinho que lá tinha deixado. . .

Parou, deslumbrado, à porta. Na lareira apagada, dentro da sua sandália de penas, brilhava uma estrela pequenina, de cristal azul. . .

Maria Teresa

## À CERCA DA FELICIDADE

**V**EJAMOS o que pensam alguns escritores dessa coisa maravilhosa que é a «Felicidade»:

**E**RA muito velho o lavrador com quem eu falava, mas em seus olhos fulgia uma centelha de serena felicidade. Perguntei-lhe o que fazia para viver tão contente. Sem hesitar, respondeu-me: «Eu faço muito caso do que tenho e não faço caso do que não tenho». — *Esther Fishburn*

**Q**UASE sempre a maior ou menor felicidade depende do grau de decisão de ser feliz. — *Abraão Lincoln*

**T**ODA a Felicidade que gozamos, vem da Felicidade que damos. — *Sully Prud-homme*

**F**ELICIDADE — nos dicionários é um substantivo. No livro da vida é um verbo que se conjuga no passado como recordação, no futuro como esperança: não tem presente. — *Anthis-tene*

O cábula é um mártir do trabalho e uma vítima do descanso.

## Ano Novo, Vida Nova!

(Continuação da 1.ª pag.)

No entanto, viveram já dias em que pelo menos os embalara a incerteza, a expectativa, a ansiedade dum porvir que ansiavam bom. . .

E é como que um renovar de corações, um reflorir de alma, uma Primavera que brota em cada ser, no princípio de mais um ano!

E' como que um intervalo entre as realidades cruas e os espinhos dolorosos que povoam as estradas da vida! . . .

E' um pedaço de caminho em que, deixando para trás o terreno áspero e inóspito, e em rota a um outro muitas vezes semelhante, nos sentimos como que reconfortados por caminharmos um pouco numa estrada atapetada de verdural! . . .

E todos têm uma sensação estranha, como que uma necessidade de se renovarem ao entrarem num novo ano! . . .

Deixar para trás as nódoas da alma, os ódios, as vicissitudes da existência, as dores que lhe marcavam um ricto de amargura nos rostos desconfortados! . . .

Esquecer o pecado, lavar a alma, fortalecer no espírito a convicção de sentimentos melhores! . . .

Atirar fora, simbolicamente, o que não presta, o que ficará deslocado no aleluia de felicidades que os embala então, é o anseio secreto de todos os que se sentem entrar no novo ano!

E de todas as bocas se escapa simultaneamente, com um voto de prosperidades, uma ptece para a realização dos seus sonhos bons, duma vida que todos querem nova! . . .

Maria Célio

## Parabéns!

Fazem anos em JANEIRO:

As meninas:

Em 3, Ana Maria Barros Santos.

Em 5, Joselda Vieira Fortes.

Em 8, Leonor Loução.

Em 10, Célia Guerreiro.

Em 12, M. Madalena Coelho.

Em 14, M. Inácia Ferreira.

Em 15, Luísa Moniz Nogueira.

Em 18, M. José Mascarenhas.

Em 19, Rita Ramires e M. Ismênia Rodrigues.

Em 25, Marília Simões Isidro.

Em 28, M. Wanda Calado Florêncio.

Em 30, Laertes Sousa Martins.



## CANTO DAS RAPARIGAS

## CALOIRA!...



Por Maria Célia do Carmo Rodrigues

...E o tempo, implacável, lá continua na sua rota indiferente...

Abandonam-se as praias douradas e azuis, e com um clarão de saudade no coração e um ramo lindo de recordações na alma, volta-se à «vida», à realidade que durante tempo quase esquecemos.

Mais uns dias, e surge Outubro de dias quase sempre radiosos de luz e de sol, cheios de esperanças para uns, aborrecidos e indesejados para outros...

No entanto... a vida é assim...

E quer com o rosto satisfeito, os olhos postos no edificio claro e moderno, um raio de luz a iluminar as pupilas juvenis, quer com um semblante prosaicamente carrancudo e enfatiado pela longa

subida e pelas perspectivas nem sempre alegres que nos esperam «lá dentro», eis que nos metemos todos à escadada por vezes difícil da avenida, onde o verde claro das árvores copadas se confunde com os tons alegres e garridos da aguarola dos vestidos das raparigas e se mistura com os cambiantes escuros dos fatos e das capas negras que envoaçam à brisa...



Mas entre todo este conjunto há sempre aqui e além um ou outro grupinho aciarado pelas batas escolares e que nos prende por momentos o olhar... São as «caloiras», como todos lhes chamam, as que pela primeira vez dirigem pela avenida os seus passos a caminho duma vida nova que as espera «lá em cima»...

A pasta sobraçada quase que com carinho, a bata branca, bem engomada, já vestida, quase todas elas pequeninas, ainda meninas da escola, lá vão, vivendo enfim o dia há tanto desejado...

E o Liceu branquinho recebe-as lá dentro, diremos com o mesmo amor com que um pai recebe um filho querido... Recebe-as e até mesmo as paredes as claras parecem segredar-lhe as boas vindas...

E as «caloirinhas» pequeninas, infantis, lá correm ansiosas, num medo imenso de chegarem atrasadas.

Trim. rim. rim. E até a campainha parece gritar:—bem-vindal...bem-vindal.

E a vida começa...

Aconchegadas aos cantos, como que a pedirem protecção à parede fria, eias olham com os seus olhitos entimidados as «grandes», as que vagueiam indolentes pelos recreios, aborrecidas já com a monotonia impertinente da vida escolar. Depois, também elas começam a correr pelos corredores, a olhar quase que num desafio inconsciente as «outras», as «adiantadas»...

No entanto, a «caloirinha» continuará a existir lá dentro, lá bem no fundo da menina que já chega à aula um nadinha depois de a campainha tocar... Ela continuará a viver com toda a intensidade o seu primeiro ano, o seu ano de «caloira», aquele ano que pela vida fora nunca mais há de esquecer...

E quando chega o dia das notas, é vê-la a olhar ansiosa as pautas onde o seu nome é escrito pela primeira vez... Meu nome!... E a «caloirinha», os olhos inchados de tanto chorar, o coraçãozinho oprimido por um mal estar indefinível, olha admirada a «outra», a «grande», a que ao lado diz uma voz indiferente:—Ora! Tive um «oitto», mas não me importo! Para o período que vem logo levanto!...

Depois vêm outra vez as notas... E mais outra ainda.

E pronto!... Acabou-se o ano!... Acabou-se a humilhação constante de ouvir em tom depreciativo:—Caloira!

Mas na alegria de ter passado, ela, a que já não é caloirinha sente quase que tristeza por ter deixado de o ser!

E' que parece que dizer «caloira» quer dizer «inocente», quer dizer «pega», quer dizer «ingénua», quer enfim dizer «caloira»...



A arte é verdade, e a verdade é religião.

Thackeraz

## NATAL

## Festa da Família

(Continuação da 1.ª página)

nos, disputando os bolos e os licores. Depois toda a família se reuniu em torno da lareira, conversando. As mulheres tagarelavam em assuntos ligeiros, como o frio, a chuva e uma delas contava as gracinhas do filho mais pequeno; os homens, esses, fumando, falavam dos seus negócios; as crianças continuavam repisando o assunto favorito; e o avô, muito aconchegado ao pé do fogo, recordava a sua infância. Revia-a. Como ia longe e como tinha sido alegre!... Os anos tinham corrido sobre aquele menino turbulento e ladino, que não era agora mais que um velhinho vergado ao peso do tempo!

E, olhando as labaredas a bailarem na lareira, perdia-se na doce embriaguez das suas recordações... Vivia e gozava de novo esses tempos risonhos de menino e moço...

As miragens sucediam-se umas às outras e dissipavam-se como o fumo na lareira... Ouvia-se o cântico dos garotos, que, de porta em porta, cantavam ao Menino Deus. Nos sofás da sala umas cabecitas teimosas cediam já ao sono e a sua respiração tranquila cantava melodias na alma velhinha, rejuvenescida, agora, do avôzinho.

No relógio antigo da sala batiam lentas e sonoras as doze badaladas da meia-noite...

Lá fora a neve caía, as estrelas brilhavam mais, e os sinos repicavam festivamente...

Mais um Natal que passa... e a vida continua.

## PROMETE



## a ti própria...

... Não ser trágica, nem fúnebre, nem complicada. Não o deves ser por ti, nem o deves ser pelos outros, para não estragares a tua vida e não dares aos outros o triste espectáculo duma criaturinha a quem apetece voltar as costas ou puxa as arelhas.

.. Sê delicada. Nas atitudes, nas palavras, nos pensamentos.

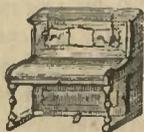
... Sê indulgente para com os outros. Aceita e desculpa as suas manias e pequenas faltas.

(Conselhos extraídos do livro Joaninha quer casar.)

## Coisas práticas

**Para** que os pianos se conservem em bom estado devem ter-se bem fechados no tempo humido, porque a humidade é o seu pior inimigo.

Com tempo seco, podem deixar-se abertos um pouco para que o ar guarde e evite que as teclas se prendam e o marfim possa vir a amarelecer.



**Para** afiar tesouras, corte com elas um pedaço de lixa várias vezes.

**Para** enfiar as varetas das cortinas sem pegar o pano nas mesmas, coloque-se na ponta da vareta um dedal ou um cálice pequeno.

## "O PASSEIO DA LUA"



De uma ex aluna do Liceu, assídua colaboradora do nosso jornalzinho

A lua, qual lanterna japonesa,  
Por sobre a verde copa dos pinheiros,  
Lançava tons prateados nos ribeiros,  
E dava a tudo mágica beleza.

Afogueada corria lá p'lo céu,  
Olhando para a terra com desdém,  
Sorrindo das paixões que os homens têm,  
Cobrindo todos com seu amplo véu.

Tranquila e calmamente vai olhando  
Com ironia, o que eles vão sonhando.  
Aqui um riso, uma promessa tonta...

Ali um desespero, um devaneio...  
E a lua, lá p'lo céu no seu passeio,  
Vê tudo, tudo sabe e... nada conta.

SNITRAN SEVEN

# Agradecimento



**A** O termos conhecimento de que um nosso antigo professor, o Ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. Clementino de Brito Pinto, tinha publicado um livro, todas nós nos sentimos tocadas de entusiasmo. Não sei; mas o vemos um nome que nos era tão familiar a ilustrar o cabeçalho de um livro, assumia para nós muita importância, parecendo até que o facto de alguma maneira nos atingia.

E no intimo auguramos-lhe bom êxito para a sua obra.

Foi, então, oferecido pelo autor um exemplar de «A influência bíblica na obra de Cândido Guerreiro» ao nosso jornalzinho.

Em nome de todas as que colaboram na sua obra, nós agradecemos a gentileza da oferta não, sem uma pontinha de orgulho a animar o nosso reconhecimento.

Sim, porque nem toda gente se pode orgulhar de ter tido um professor que escreve livros, e de possuir, além disso, um oferecido por ele, com dedicatória autêntica. A turma do 4.<sup>o</sup> A, digam o que disserem, há-de marcar através dos tempos...

Claro que o autor quer que nós digamos se gostamos ou não...

Outros que tivessem maior competência dariam uma resposta completa, cheia de exaltações e reticências, citando frases, aspectos característicos da linguagem, etc... Nós não a temos, porém. Terá isso, porventura, mais valor que a nossa afirmação, unânime e espontânea, plena de admiração e sinceridade: «Gostamos. Muito obrigado?»

E' pobre, nós sabemos. No entanto, acreditamos também que o sr. Dr. Clementino Pinto compreende que nós dizemos na nossa simplicidade o mesmo, ou talvez mais, do que diriam ataviadas expressões...

M. Teresa

# Frases pitorescas e poéticas

Colecionadas por Graciete de Oliveira

**E** RA um desses homes que não aumentam a humanidade quando nascem, nem a diminuem quando morrem.—Machado de Assis

**A** S lágrimas jorravam-lhe pelas faces, tristes como a chuva por um monte em ruínas.—Eça de Queiroz

**A** tarde calma ia ajeltando sobre si o manto cinzento do crepúsculo.—Campos Pereira

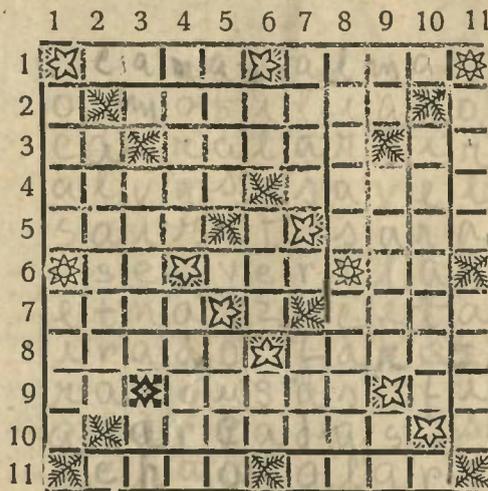
**U** MA nuvem carrancuda mandava-me abrir o guarda-chuva.—Erico Veríssimo

**H** Á uma noite profunda, um céu pesado que chega até à beira da minha cama.—Graciliano Ramos

**A** escuridão é como um grande grilo que não se ouve.—Alceu Nazmozzi

**A** chama da vela subia como que aspirada pelo imenso silêncio.—Horácio Queiroga

# PALAVRAS CRUZADAS



**HORIZONTAIS** — 1, leito; parte inferior do homem; 2, vogal; conjunto de peças de mobiliário; vogal; 3, aqui; moer; caminhar; 4, brancas; peixe; 5, ir-se embora; consoante; nome de mulher; 6, Igreja, observar, nota musical; 7, Vulcão da Sicília; consoante; quarto de monge; 8, Enraivecido; forma do verbo fazer; 9, Dus egípcio; atreves-te; crença; 10, vogal; Pavimento; 11, abóboda em arco; fazer voar.

**VERTICAIS** — 1, vazias; cirado; 2, consoante; espalha; consoante; 3, duas letras de ama; capital de paíscuro p u; exclamação; 4, Habitar; prestar culto; 5, Parte do chapéu (pl.); consoante; forma de verbo ouvir; 6, Forma do verbo ler (inv.); pele; saudável; 7, Filas; consoante; entidade fantástica poderosa; 8, instrumento musical (pl.) par conjugal; 9, Perversa; acuai; ap lido; 10, Vogal; direi (inv.); consoante; 11, borda; carta de jogar (pl.).

Elisabette Cliva

# DIZIA



uma revista americana

que o verdadeiro amor deve ter três SSS (de sábio só e sagrado); três AAA (de ardoroso, ansioso o abnegado); três CCC (de claro, constante e crente); três DDD (de delicado, discreto e dócil); três MMM (de misericordioso, mudo e magnânimo).

R  
I  
R



**U** M pobre homem que morria de amores pela sua cozinheira, bonita rapariga de olhos pretos e faces coradas, encontrou um dia um amigo que lhe perguntou:

— Então, como vão esses amores?

— Mal... respondeu o bom do velhote

Há um ano que dura esta palção e só consegui dela apenas uma pequena madexa de cabelos... Mas de que maneira nos deu!...

— Como foi?

— Um a um na sopa.

**E** LE e ela, muito tímidos, estão sentados, há mais de uma hora, ao lado um do outro, num compartimento de um comboio. Olham-se nos olhos sorriem um para o outro, mas não ousam dizer palavra.

A certa altura, a rapariga, tomando coragem, diz:

— Eu chamo-me Julieta. E você?

— Eu não... — responde o jovem numa voz que mal se ouve...

(cedida por M. Julieta)

**O** garotinho, ao ser apresentado à visita de cerimónia: «Prazer em conhecê-lo. Meu Deus, como eu cresci!»

Possso ir embora, agora?»

# Passatempo

## Quem é capaz?

**C** OM uma linha seguida, ir cortando todos estes traços sem cortar nenhum mais que uma vez e voltando, no fim, ao ponto de partida?



Elisabette Oliva

# Acredita quem quiser...

## O que nos diz o NARIZ:



**Nariz grande e direito** — espírito franco, leal e de boas ideias.

**Pequeno e direito** — delicadeza, e as qualidades do tipo anterior embora menos acentuadas.

**Arredondado na extremidade** — boa disposição.

**Fortemente aquilino** — tendência para grandezas.

**Carnudo** — gulodice.

**Seco e às curvas** — severidade.

**Ponteagudo** — mesquinhez.

**Adunco** — avareza.

**Arrebitado** — frivolidade e garotice.

**Inclinado para a boca** — nobreza de sentimentos.

**Comprido e roliço** — falta de franqueza.

**Com a ponta quadrada** — espírito original.

**Com o osso central largo** — organização cerebral de primeiro plano.

**Abatatado** — aspereza e tendência para o negócio.

(Coleccionado por Milia Vieira)